

ANGLICANOS, PALOTINOS E A CULTURA POLÍTICA DE SANTA MARIA (1883 – 1915)¹

ALEXANDRE DE OLIVEIRA KARSBURG²
MAÍRA INES VENDRAME³

Resumo

A Constituição brasileira de 1891 decretou a separação entre o Estado e a Igreja Católica. Esta nova situação possibilitou a expansão de outras religiões em território brasileiro, onde antes o Catolicismo era hegemônico. Metodistas, anglicanos e luteranos puderam erguer seus templos, badalar seus sinos e exteriorizar a sua fé, já que as novas leis davam total liberdade de culto. A Igreja Católica, ciente de que seus esforços teriam que ser redobrados para se garantir como religião predominante no país, passou a hostilizar as novas Igrejas, enxergando um complô, liderado pelos maçons, que visava destruir a verdadeira fé cristã. Devido à presença tanto de católicos ultramontanos, quanto de anglicanos, metodistas e luteranos, Santa Maria se apresentou como um dos melhores locais para estudarmos as hostilidades entre as religiões. Este conflito ganha outra dimensão quando o inserimos nas disputas políticas locais e no quadro mais amplo do confronto entre a modernidade racionalista, defendida pelos liberais, e o conservadorismo, representado pela Igreja Católica. No caso de Santa Maria, o Catolicismo era representado pela Congregação Palotina, estabelecida na região desde 1886. Os liberais, por sua vez, eram representados pela Maçonaria.

Palavras-chave: Século XIX – Rio Grande do Sul – Anglicanos – Palotinos – Cultura Política.

Abstract

The Brazilian Constitution of 1891 ordered the separation between the State and the Catholic Church. This new situation made possible the expansion of many

churches in the Brazilian land, where the Catholicism had been preponderant. Methodists, Anglicans and Lutherans could build their temples, ring their bells and exteriorize their faith given that the new laws gave total liberty for cult. The Catholic Church, aware of the fact that its efforts would have to be reinforced in order to guarantee itself as a predominant religion in the country, started to antagonize the new churches, seeing a plot, led by the Freemasons, which aimed at destroying the true Christian faith. Because of the presence of not only ultramontane Catholics but also Anglicans, Methodists and Lutherans, Santa Maria city is presented as one of the best locations for us to study the antagonisms among religions. This conflict gains a major dimension when we insert it in the local political disputes and also in a broader picture of confront between the rational-modernizing thought defended by the liberals and the conservative thought represented by the Roman Catholic Church. In Santa Maria case, the Roman Church was represented by the Palotina Congregation, established in the governance of the local parish since 1896. The liberal thought, by its turn, had strong representation in the Freemasonry.

Keywords: Rio Grande do Sul – Catholic Church – Palotinos – Anglicans – Freemasonry – Political Culture

Introdução

Primeiramente, devemos esclarecer que esta pesquisa está inserida dentro de um projeto maior que visou mapear a ação da maçonaria na difusão do protestantismo, espiritismo e pensamento liberal no Rio Grande do Sul no início do século XX. Levados pelas fontes pesquisadas, acabamos colocando as religiões anglicana e católica como centro do estudo, sem, no entanto, perder o foco principal do projeto, qual seja,

¹ Pesquisa elaborada nos anos 2003 e 2004, com bolsa PIBIC-CNPQ, tendo como orientadores os professores do Departamento de História da UFSM, Luiz Eugênio Vésio e Vitor Otávio Biasoli.

² Autor e graduado pela Universidade Federal de Santa Maria, Bolsista PIBIC-CNPQ.

³ Co-autora e graduada pelo Centro Universitário Franciscano – UNIFRA.

a ação maçônica na defesa de seu pensamento liberal-cientificista em oposição ao pensamento católico-conservador, embate este iniciado no século XIX e que atingiu seu auge nas décadas iniciais do século XX.

O trabalho inicial buscou esclarecer “como se deu a união entre a maçonaria gaúcha e as novas religiões – espírita, luterana e metodista – que estavam se instalando no Estado”. Uma revisão bibliográfica dando conta deste tema, bem como uma seleção de documentos no arquivo LEV/GORGS, compôs a primeira parte deste projeto de pesquisa.⁴

A maçonaria gaúcha, em sua campanha anticlerical, atuou nos mais distintos espaços da sociedade sul-rio-grandense. Os maçons buscavam “o fim do catolicismo como religião oficial do Estado; o estímulo ao racionalismo; a laicização da sociedade brasileira entre outros motivos”.⁵ A constante oposição por parte dos maçons ao catolicismo reformador e o uso de sua imprensa para atacar o ideário ultramontano,⁶ mais a simpatia e apoio aos movimentos da época que procuravam agredir o ultramontanismo, compunham algumas das armas da Maçonaria para deter a expansão da Igreja Católica no estado.⁷ Foi neste momento (final

do século XIX e início do XX), que as novas religiões se instalavam e se estruturavam no Rio Grande do Sul, que a Maçonaria começou a criar vínculos e dar os subsídios necessários a implementação das mesmas.⁸ Luteranos, metodistas e espíritas contaram com o auxílio dos maçons, com estes dando apoio à instalação das novas religiões e cedendo espaços em suas lojas para que ali se realizassem cerimônias. Desta maneira, o movimento maçônico anticlerical visava “agredir e enfraquecer a hegemonia católica que imperava no estado”.⁹

Conforme as necessidades iam se apresentando, outros arquivos precisaram ser visitados, e isso se mostrou extremamente fecundo, pois outras visões acerca de um mesmo fato foram sendo reveladas, tornando mais complexos estes conflitos entre Igreja Católica e Maçonaria no início do século XX.

Muitos documentos presentes no arquivo LEV¹⁰ faziam referência à cidade de Santa Maria, pois ali havia duas¹¹ potências maçônicas muito atuantes no embate contra o catolicismo reformador. Sendo assim, resolvemos direcionar nossa pesquisa aos arquivos de Santa Maria, que se apresentava no ano de 1900 como uma das cidades mais prósperas do Rio Grande do Sul, atraindo pessoas de todas as partes do estado, inclusive de outras nacionalidades, como italianos, alemães, uruguaios, franceses, ingleses e japoneses.¹²

Tendo por base essas informações sobre a cidade, fomos procurar os livros Tombo localizados na Casa Paroquial de Santa Maria, pois eles poderiam nos trazer a versão dos padres a respeito deste conflito en-

⁴ Os resultados deste trabalho coletivo, realizado por estudantes de História da UFSM e UNIFRA, já foram publicados em vários congressos, entre eles destacamos: SCHMIDT, Guilherme César Temp. *A ação da Maçonaria na difusão do espiritismo, protestantismo e luteranismo*. In: 7º Simpósio de Ensino Pesquisa e Extensão, 2003. Santa Maria. Anais do 7º Simpósio de Ensino Pesquisa e Extensão: 2003; Partes do resultado desta pesquisa está publicado em: KARSBURG, Alexandre de Oliveira; VENDRAME, Maíra Ines; VÉSCIO, Luiz Eugênio; BIASOLI, Vitor Otávio. *Culturas em conflito: a disputa entre protestantes e católicos em Santa Maria (1899 – 1920)*. In: Simpósio Internacional Fronteiras da América Latina, 2004. Santa Maria.

⁵ SCHMIDT. *Op. cit.*, 16.

⁶ Por ultramontano entendemos uma orientação política da Igreja Católica Romana que fortalecia o poder do papa, que estabelecia uma hierarquia verticalizada, estabelecendo uma maior concentração de poder nas mãos do clero.

⁷ A educação também fez parte da luta entre Maçonaria e Igreja Católica, com a primeira tentando fundar e manter escolas laicas pelo estado. A Igreja Católica, neste ponto, conseguiu se sobressair, pois várias congregações ultramontanas chegaram ao Rio Grande do Sul nos anos iniciais do século XX, voltadas para a educação e se valendo do item da Constituição estadual que liberava o ensino secundário para a iniciativa privada. Ver o estudo de PIPPI, Elisângela Stefanello. *A educação sem a cruz: a resistência maçônica e a reorganização católica no Rio Grande do Sul*. Monografia de especialização UFSM, 2003.

⁸ SCHMIDT. *Op. cit.*, p. 16.

⁹ SCHMIDT. *Op. cit.*

¹⁰ São aproximadamente 5.000 cópias xerocadas de documentos da potência maçônica autônoma mais antiga do Rio Grande do Sul, o GORGS – Grande Oriente do Rio Grande do Sul – que fazem parte do arquivo particular do professor e pesquisador Luiz Eugênio Vésio.

¹¹ Paz e Trabalho e Luz e Fraternidade.

¹² Para mais informações sobre as etnias que compunham Santa Maria ver recente trabalho de CARVALHO, Daniela Vallandro de. *Entre a solidariedade e a animosidade – os limites e tensões das relações interétnicas populares (Santa Maria – 1885/1915)*. In: Seminário Internacional leitura e interpretações da Imigração na América Latina. Unisinos, 2004.

volvendo a Igreja e a Maçonaria. Destacamos o livro Tombo nº 3, escrito pelo padre palotino Caetano Pagliuca que foi vigário da paróquia de Santa Maria a partir de 1900. Conforme veremos, o padre Caetano atacou não só os maçons, mas também outras igrejas que se instalavam em Santa Maria desde 1899. Para o sacerdote, havia uma conspiração entre a Maçonaria, poderes municipais e as novas religiões para liquidar o catolicismo na cidade.

No livro Tombo acima mencionado encontramos várias vezes argumentações que nos fizeram acreditar que realmente havia uma intenção velada por parte das autoridades municipais em destruir, demolir de vez a religião católica na cidade. Uma vez que o padre Caetano, em seu livro Tombo nº 3, mencionava fatos ocorridos em Santa Maria desde 1876, procuramos as Atas da câmara de vereadores referentes aos anos de 1876 a 1900. Encontramos de 1856 até 1892, e conseguimos fazer esclarecimentos a respeito, por exemplo, da demolição da igreja matriz em 1888. Para os católicos ultramontanos, este episódio teve um significado, como veremos adiante. Já para as autoridades municipais, a derrubada da matriz tinha um outro propósito.

Para tentarmos compreender mais sobre a cidade, recorreremos ao trabalho de Romeu Beltrão,¹³ um memorialista que foi testemunha ocular das transformações ocorridas em Santa Maria no final do século XIX. Além deste, as memórias de João Daudt Filho¹⁴ merecem e devem constar neste trabalho, pois trazem informações importantes sobre episódios passados na cidade daquele tempo.

¹³ Romeu Beltrão nasceu em 1913, formou-se em Medicina e atuou como médico nas cidades de São Pedro do Sul e depois em Santa Maria, também foi professor, jornalista e pesquisador. Cfe. MARCHIORI, José Newton Cardoso; NOAL FILHO, Válder Antônio (orgs.). *Santa Maria: relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: UFSM, 1997, p. 287.

¹⁴ João Daudt Filho nasceu em Santa Maria, em 1858, tornando-se o primeiro farmacêutico a atuar na cidade. Por motivos políticos, transferiu sua farmácia para Porto Alegre e, posteriormente, para o Rio de Janeiro. Escreveu sua obra memorialística inspirado pelo trabalho historiográfico de João Belém, conforme seu próprio relato. DAUDT FILHO, João. *Memórias*. Pedro Brum Santos (org.). 4 ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2003.

Após algumas pesquisas em outros arquivos da cidade, percebemos que havia uma Igreja que tinha ficado de fora de nosso foco inicial: a Episcopal Anglicana. Na cidade de Santa Maria, ela chegou no ano de 1899, passando a celebrar seus cultos em uma sala na antiga rua do Comércio, hoje rua Dr. Bozano. Passados alguns anos, em 1903, começaram a erguer a Capela do Mediador, um templo evangélico que causou grandes transtornos para os católicos reformadores de Santa Maria. Vale lembrar que, desde 1888, a cidade não tinha mais uma igreja matriz,¹⁵ e vendo que os anglicanos, com o apoio de parte considerável da cidade, já erigia o seu templo, o padre Caetano passou a mobilizar os fiéis para também erguer uma igreja.

Tivemos a oportunidade de conhecer a versão de certos fatos a partir de um terceiro elemento que passou a fazer parte deste conflito envolvendo Maçonaria e Igreja Católica. Os arquivos da Igreja Anglicana, localizados em Santa Maria e Porto Alegre, trouxeram informações importantes a respeito de um assunto polêmico ocorrido em 1900, envolvendo as Igrejas Anglicana e Católica, mais a Irmandade do Rosário.

Os novos estudos que tem como objeto a cidade de Santa Maria foram de suma importância para nossa pesquisa, visto que trouxeram à tona assuntos relativos àquele tempo. Vitor Biasoli¹⁶ deu destaque à chegada da Congregação dos Padres Palotinos à região no ano de 1886. Esta congregação vinha imbuída de um ideário ultramontano e, na figura de seus padres missionários, visava impor suas práticas religiosas a uma sociedade que vivenciava o catolicismo de uma outra forma. Nesta linha de estudo, outro pesquisador merece destaque: o pesquisador Enio Grégio¹⁷ conseguiu “desen-

¹⁵ Este caso será apresentado na sequência deste artigo.

¹⁶ BIASOLI, Vitor Otávio E. *Catolicismo e imigração na Quarta Colônia – Rio Grande do Sul (1878 – 1937)*. V Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, 2003.

¹⁷ GRIGIO, Ênio. *A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Maria/RS – (1873-1915): Uma trajetória de conflitos*. Monografia de Especialização. Santa Maria: UFSM, 2003.

terror” um processo civil no Fórum de Santa Maria sobre o episódio envolvendo o padre Caetano Pagliuca e a Irmandade do Rosário de 1915. Este fato nos deu uma amostra de um dos objetivos da Igreja Católica reformada, qual seja, o de submeter as irmandades ao poder do bispo diocesano. Esta disputa da Irmandade e o padre Caetano também mereceu uma análise por parte do pesquisador Vítor Biasoli.¹⁸

Esta pesquisa já se estende por mais de dois anos, e com o apoio do CNPq está ampliando o campo do conhecimento a respeito do tema tratado, abordando vários aspectos da região de Santa Maria, trazendo subsídios indispensáveis para melhor se entender a história regional. Também devemos agradecer ao professor e orientador Luiz Eugênio Vêscio pela oportunidade de permitir que déssemos seqüência a esta pesquisa. Suas idéias, às vezes polêmicas, guiaram os rumos de nosso trabalho. Um agradecimento especial ao professor Vítor Otávio Biasoli, que muitas vezes contrapondo às idéias do professor Luiz Eugênio, tratou de colocar este orientando em posições “difíceis”. Aos dois, nossos cumprimentos e agradecimentos.

O contexto político-cultural do Rio Grande do Sul no século XIX

O embate entre maçons e católicos ultramontanos no Rio Grande do Sul foi especialmente analisado por dois historiadores. Eliane Colussi, trata do conflito durante o século XIX, trazendo uma visão mais geral das desavenças.¹⁹ Já Luiz Eugênio Vêscio parte de um caso ocorrido na Quarta Colônia de Imigração Italiana, onde um padre teria sido assassinado por maçons do local, para lançar luz ao confronto entre maçons e católicos no século XX, mais precisamente do período que vai de 1893 a

1928.²⁰

A Maçonaria brasileira do século XIX foi confundida com uma agremiação política, já que seus membros, na grande maioria, pertenciam ao Partido Liberal e objetivavam mudanças radicais na sociedade brasileira.²¹ Mesmo que houvesse, em teoria, a liberdade de opção política e religiosa entre os filiados à Maçonaria, esta refletia as posições partidárias à época do segundo reinado,²² ou seja, de um lado os mais conservadores, defendendo a ordem e se opondo ao modernismo e cientificismo; do outro, os liberais buscando espalhar o pensamento racional na sociedade brasileira, além de tentarem combater os privilégios concedidos pelo Estado à Igreja Católica. A Maçonaria buscava também a liberdade de pensamento e a liberdade religiosa e, para atingir tais metas, teria que adotar uma postura política. Desta maneira, portanto, a Maçonaria acabou se tornando uma agremiação política, sendo que sua influência foi mais sentida na tentativa de formar uma cultura na sociedade brasileira calcada na laicização.²³

No Rio Grande do Sul, as idéias maçônicas chegaram antes da própria instituição, o que pode ser observado no contexto da Revolução Farroupilha. O confronto com a Igreja Católica só se acentuou na segunda metade do século XIX, pois esta não atuava de forma sistemática no estado. O historiador Sérgio da Costa Franco, afirma que:

ao contrário do norte do país, não encontramos uma fazenda na fronteira sul-rio-grandense, por mais abastada que fosse, com capela anexa, à moda dos velhos engenhos de açúcar de Pernambuco e Bahia. A religião era em geral considerada “coisa de mulher”, que um estancieiro nem pensava em praticar sendo que o preceito anticle-

¹⁸ BIASOLI, Vítor Otávio E. Os padres palotinos na paróquia de Santa Maria. Comunicação apresentada – X Jornada de Ensino de História e Educação. Santa Maria, UNIFRA, junho de 2004.

¹⁹ COLUSSI, Eliane Lúcia. A maçonaria gaúcha no século XIX. Passo Fundo: UPE, 1998.

²⁰ VÊSCIO, Luis Eugênio. O Crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893 - 1928). Santa Maria: UFSM, 2001.

²¹ COLUSSI. Op. cit., p. 88.

²² COLUSSI. Op. cit., p. 125.

²³ COLUSSI. Op. cit., p. 155.

rical ao que tudo indica foi sempre amplamente disseminado. Prova disto é a enorme importância que logo assumiu a maçonaria em nossa vida social.²⁴

Esta pouca inserção do catolicismo no Rio Grande do Sul fez com que houvesse uma indiferença em relação aos preceitos religiosos por parte da sociedade sul-riograndense. Esta indiferença, ou hostilidade, deveu-se muito à própria Igreja Católica, já que ela não se fazia presente da mesma forma que no nordeste ou sudeste do país.

Um documento encontrado nos arquivos da Igreja Anglicana, e posteriormente publicada por Duncan A. Reily, comprova que o Rio Grande do Sul era uma província esquecida pela Igreja Católica. A escolha por parte dos anglicanos em iniciar seu trabalho missionário (1890) nesta província se deveu ao fato de que aqui não encontrariam resistência da Igreja Católica, além de ser o Rio Grande do Sul pouco ocupado por outras religiões. Isto, na visão dos primeiros missionários norte-americanos, “fez com que o estado fosse o local perfeito para iniciar a pregação evangélica protestante”.²⁵

A historiadora Helga Piccolo entendeu que a proliferação de outras religiões pelo Brasil fez com que a Igreja Católica se pre-

ocupasse em não perder seu status de religião predominante. Para a autora, “não foi difícil entender que, para a Igreja Católica, a difusão do protestantismo e a atuação da maçonaria se constituíam em uma ameaça que, a ligação Igreja/Estado dando ao catolicismo a condição de religião oficial, não afastava”.²⁶

O pesquisador Davi Gueiros Vieira acredita que grupos contrários aos privilégios concedidos pelo Estado à Igreja Católica se articulavam para enfraquecer cada vez mais o catolicismo dentro do Império. Sendo assim,

nas décadas de 60 e 70 no Brasil, manifestou-se por parte de lideranças católicas uma preocupação com uma possível protestantização do Império a partir de um plano que envolvia a vinda dos Estados Unidos da América do Norte de meio milhão de imigrantes confederados”. É perceptível, na conjuntura, uma certa articulação entre liberais-maçons-protestantes no Brasil em torno das idéias de progresso, progresso que só poderia ser alcançado havendo “liberdade individual”.²⁷

Em oposição a esta articulação entre os que almejavam uma sociedade racional, laica e com liberdade de pensamento e de religião, temos os conservadores, mais precisamente os que defendiam as posições da Igreja Católica.

Antes, se faz necessário enumerar algumas características e diferenças entre tipos diferentes de catolicismo no Brasil do século XIX, quais sejam: o tradicional, muito presente no nordeste, mas também no Rio Grande do Sul; o iluminista, mais atuante

²⁴ Sérgio da Costa Franco, apud COL’USSI, Op. cit. p. 192.

²⁵ REYLLI, Duncan A. *História Documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), 1984. p. 21. O reverendo Oswaldo Kickhöfel pesquisou e escreveu sobre a instalação e expansão em território brasileiro da Igreja Anglicana. Dentre os vários temas abordados, fala sobre a organização dos missionários anglicanos no estado da Virgínia, Estados Unidos, para levar uma nova proposta cristã ao mundo; a escolha do Brasil, Rio Grande do Sul e as cidades que começariam a sua pregação; as dificuldades iniciais, as hostilidades enfrentadas, as ordenações femininas e outros pontos mais. Em entrevista realizada em junho de 2004, o reverendo fala que os metodistas também haviam chegado, via Uruguai, na década de 1890. Para poderem evangelizar mais partes do Rio Grande do Sul, as Igrejas acordaram que os anglicanos permaneceriam ao sul; já os metodistas, pregariam no norte. Em algumas cidades com mais habitantes, não teria problema estarem as duas, como foi o caso de Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria e Rio Grande. Cfe. KICKHÖFEL, Oswaldo. *Notas para uma história da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil*. Porto Alegre: Secretaria Geral da IEAB, 1995 (Projeto Memória). Seria preciso ver se esta distribuição das igrejas anglicana e metodista pelo Rio Grande do Sul possui alguma ligação com o fato do GORGS estar mais presente no norte do estado e o GOB na região sul.

²⁶ PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. Alemães e italianos no Rio Grande do Sul: fricções inter-étnicas e ideológicas no século XIX. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *Presença italiana no Brasil*. Vol. II. Porto Alegre: Torino: Escola Superior de Teologia: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 585.

²⁷ VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a “questão religiosa” no Brasil*. 2ª ed. Brasília: UNB, 1981, p. 202-6.

no Rio de Janeiro; e o renovado ou reformador, de caráter ultramontano.

O primeiro tipo de catolicismo, o tradicional, era vivenciado como uma religiosidade de superfície, “atenta ao colorido das cerimônias, à pompa exterior, religião de formas e não de conduta”. O sagrado e o profano andavam unidos e juntos. “As procissões e festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina da vida diária, sendo muitas vezes uma das poucas oportunidades para o povo se divertir”.²⁸

O catolicismo iluminista, sendo um de seus mais proeminentes expoentes o padre Diogo Feijó, afirmava que todo pregador “iluminista” era, sobretudo, um instrutor.

Opondo-se drasticamente a esta visão do catolicismo “ilustrado”, e também ao “popular”, uma terceira maneira de vivenciar a religião começou a ser pregada por bispos brasileiros na metade do século XIX.²⁹ Como características gerais desta nova forma de catolicismo, podemos dizer que era romano, ou seja, ligado diretamente a Roma e ao papa, clerical, tridentino, individual e sacramental. Buscava sobrepor-se às formas mais tradicionais de vivenciar a religião e combater os erros modernos que se alastravam pelo mundo cristão.³⁰

No Brasil, o catolicismo popular era o que predominava, e a Igreja Católica estava submetida ao Padroado³¹, o que deixava os sacerdotes na condição de funcionários públicos do Estado. Nesta condição, onde a religião e a política estreitavam laços com a sociedade, ocorreu “uma fusão do temporal

e do espiritual, e uma tendência para eliminar as fronteiras entre fé e labor terrestre. O projeto em prol do reino de Deus coincidiu com o projeto histórico profano”.³²

Padres envolviam-se na política e, dedicados a profissões mundanas, nos mostravam os dois lados da mesma moeda. Para defenderem os seus interesses econômicos e melhorarem a sua situação financeira engajavam-se na política, e, para garantirem a sua autonomia e independência como vigários, nada melhor do que se tornarem adeptos, ou até chefes locais, de um dos partidos políticos.³³

Tentativas de moralização do clero brasileiro se tornaram freqüentes em meados do século XIX. Pensavam os adeptos da reforma que somente assim o catolicismo recuperaria o seu respeito frente à sociedade, já que os padres, em seus afazeres pouco condizentes ao sacerdócio, viviam se envolvendo com assuntos mundanos, não se distinguindo um padre de um político ou negociante, por exemplo.

Quando a Constituição decretou a separação entre Igreja e Estado, em 1891, a Igreja Católica se viu com total autonomia. Entretanto, as queixas vindas do alto clero questionavam o item da Constituição que dava liberdade religiosa aos brasileiros, pois, com isso, o catolicismo ficava no mesmo patamar das religiões protestantes ou espíritas. Independente destas queixas, o que ocorreu a partir de então, centrando o foco no Rio Grande do Sul, foi que a Constituição estadual, seguindo as diretrizes nacionais, também deu liberdade de culto aos rio-grandenses, e mais: o estado não interviria na educação secundária, cabendo esta à iniciativa privada. Esta foi uma das doutrinas do positivismo seguida por Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, quando estes ocuparam a presidência do estado. Este espaço aberto pelo governo foi muito bem aproveitado pela Igreja Católica, pois ela passou a abrir escolas por todo o Rio Grande do Sul no início do século XX.

²⁸ WERNET, Augustin. *A Igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987, p. 24.

²⁹ Já havia, nos anos seguintes à Independência do Brasil, pelo menos em nível parlamentar, uma discussão que visava por em prática uma reforma clerical. Este catolicismo renovado, ou ultramontano, não apenas corresponderia à orientação da Igreja Católica Romana, mas também aos interessados na manutenção do status quo no País. WERNET, *Op. cit.*, p. 88.

³⁰ Para saber mais sobre as atitudes dos bispos brasileiros frente ao catolicismo popular, ver AZZI, Rioldo. *O episcopado brasileiro frente ao catolicismo popular*. Petrópolis: Vozes, 1977.

³¹ Pelo padroado, a Igreja ficava sob o controle permanente do Estado. A monarquia promovia, transferia ou afastava clérigos; decidia e arbitrava conflitos nas respectivas jurisdições das quais ela própria fixava os limites. AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. *Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 340.

³² WERNET, *Op. cit.*, p. 64.

³³ WERNET, *Op. cit.*, p. 68.

Uma das maneiras encontradas pela Igreja Católica para reagir ao mundo moderno foi centrar suas forças na organização interna. Segundo o historiador Artur Isaia, os pressupostos da Igreja brasileira para se afirmar na sociedade durante o período da 1ª República (1889 – 1930) destacavam que Estado e Igreja eram sociedades perfeitas e autônomas, com a fé e a nacionalidade se confundindo. O pesquisador afirma que a indisciplina do clero do Rio Grande do Sul deve ser visto dentro de um contexto mais amplo, que submetia a Igreja ao Estado, e também deixava os vigários distantes de seus superiores imediatos, sejam eles os bispos ou propriamente o Imperador.³⁴

A tarefa de moralização da Igreja brasileira passou pelo desligamento do passado pouco moralizante dos padres, dotando o novo clero católico com elevado perfil moral e fiel às determinações da hierarquia.³⁵ A necessidade da obediência e “acatamento sem discussão das determinações dos superiores hierárquicos na Igreja era invocada como condição *sine qua non* para a vitória do catolicismo contra o mal.” Nos escritos de D. João Becker, a Igreja foi comparada a um exército, e a vitória deste seria impossível se os seus membros “resistem ou recusem a obediência, por exemplo, aos soldados aos capitães, e estes, aos chefes superiores”.³⁶

Além de reformar seu clero, uma outra frente de batalha foi aberta pela Igreja Católica: atacar a Maçonaria. Para o historiador Luiz Eugênio Vêscio, a situação da Igreja no Brasil era dramática, e diabolizar os seus adversários, reais ou imaginários, foi uma saída para fortalecer a sua posição. “Todo e qualquer momento disponível passou a ser utilizado pelo clero ultramontano para sua ação proselitista em favor das forças do bem e contra as legiões do mal”.³⁷

No Rio Grande do Sul, encontravam-se os dois inimigos preferenciais dos católi-

cos reformadores: o catolicismo popular ou tradicional e a Maçonaria. Entendida como uma agremiação política, a Maçonaria foi o alvo preferencial dos ultramontanos, pois muitos maçons eram membros do Partido Liberal gaúcho que dominava a cena política até 1889, sob auspícios de Gaspar Silveira Martins.³⁸ Estes liberais/maçons defendiam, como já foi mencionado anteriormente, a laicização da sociedade, a liberdade de pensamento e principalmente a liberdade religiosa. Com isso, um grande número de luteranos passou a apoiar os propósitos dos liberais, unindo-se nesta luta pela liberalização das manifestações religiosas. Sendo assim, percebemos em que fatos se embasaram as afirmações dos católicos ultramontanos quando diziam haver um “complô” que visava destruir o catolicismo.

Segundo nossas análises, antes de buscarem a destruição, parece que os adversários da Igreja Romana buscavam um enfraquecimento desta, além do seu próprio espaço na sociedade. Entretanto, uma vez que passamos a ler os documentos escritos por bispos e padres ultramontanos que estavam diretamente envolvidos nestes conflitos, ficamos tentados a acreditar que havia uma aliança bem articulada por parte de maçons, espíritas e protestantes que visava acabar com a Igreja Católica. Entre estes escritos, destacamos os do livro Tombo n.º 3, do vigário de Santa Maria, Caetano Pagliuca, que nos trouxe a versão católica sobre fatos ocorridos na cidade antes da chegada dos palotinos em 1896.

Os fatos e suas versões

Queremos deixar claro que os documentos escritos pelo padre palotino Caetano Pagliuca estão em consonância com as idéias do bispo D. Cláudio Ponce de Leão, quando este afirmava que os maçons lideravam um complô, unindo os protestantes e espíritas, para liquidar o catolicismo. Portanto, o vigário Caetano passou a interpretar todos os episódios conflituosos envolven-

³⁴ ISAlA, Artur C. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipuers, 1998, p. 21-36.

³⁵ ISAlA, *Op. cit.*, p. 48-9.

³⁶ ISAlA, *Op. cit.*, p. 57.

do os padres católicos e a Igreja em Santa Maria, como ataques dos maçons à Igreja.

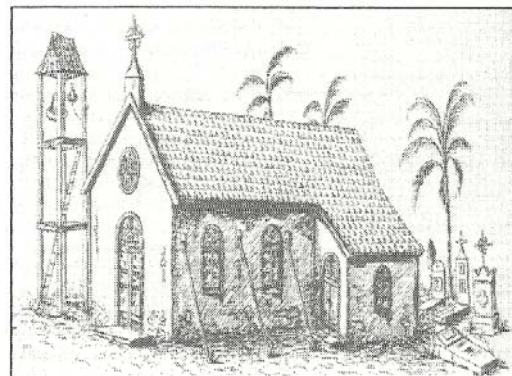
Para este trabalho, destacaremos os mais polêmicos fatos envolvendo a sociedade santa-mariense daquele período. O primeiro deles diz respeito à demolição da igreja matriz da cidade, ocorrida em 1888, após quase cinco anos de indefinições. Este acontecimento suscitou controvérsias das mais variadas, envolvendo as autoridades municipais, os vigários da época – os padres Marcelino de Souza Bittencourt³⁹ e Achiles Parrella Catalano,⁴⁰ – o bispo D. Sebastião Dias Laranjeira e o poder judiciário da cidade e o provincial.

Esta questão teve início em 25 de abril de 1884, quando a Câmara municipal nomeou Basílio de Queiroz e Frederico Haeffner com o objetivo de averiguarem o estado de conservação da igreja matriz.⁴¹ Após uma inspeção na igreja, a junta passou o relatório⁴² aos intendentess, e estes decidiram, em 20 de junho de 1884, que ela devia ser demolida, pois se encontrava em ruínas, ameaçando desabar sobre os fiéis que a freqüentam.⁴³ Acontece que esta decisão passou a ser contestada pelo vigário da época, padre Marcelino Bittencourt. Contando com a oposição do padre Marcelino, a in-

tendência de Santa Maria enviou, a 15 de janeiro de 1885, uma carta ao bispo de Porto Alegre, D. Sebastião Laranjeira, relatando o péssimo estado da igreja matriz na cidade. A Câmara de vereadores alegava que não queria se responsabilizar por algum desmoronamento e mortes que viesse a ocorrer na dita igreja, pois as festas do divino eram muito concorridas, e, por isso, pedia para demolir a matriz, mas queria que o bispo ordenasse o pároco para que este retirasse as imagens do seu interior, até que se construísse outra.⁴⁴

Foi somente no final de 1888 que saiu a decisão do juiz José Maria Gonçalves Chagas em favor da demolição da igreja, para consternação do recém-empossado vigário Achiles Parrella Catalano. Com parte do material que restou da matriz, ergueu-se o Teatro 13 de Maio e concertaram-se algumas sarjetas de ruas próximas.⁴⁵

Este episódio foi relatado por Romeu Beltrão,⁴⁶ João Belém⁴⁷ e João Daudt Filho,⁴⁸ sendo Daudt testemunha ocular des-



Antiga igreja matriz de Santa Maria. São desconhecidos a data e o autor deste desenho. Acredita-se que esteja entre 1865 e 1875, pela presença do cemitério ao fundo. Repare nas escoras sustentando a parede. Este fato, aliado ao telhado que ameaçava desabar, foram os argumentos usados pela Câmara de Vereadores que decidiram pela demolição da igreja em 1884. Somente em 1888, com decisão judicial, a igreja foi destruída. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, RS.

³⁹ Segundo um relatório escrito pelo padre Caetano Pagliuca, em 1907, endereçado ao bispo Ponce de Leão, "um dos menos maus vigários foi o Cônego José Marcellino de Souza Bittencourt que muito zelava pelo esplendor do culto, mas tendo-se metido em política, tornou-se inimigo a uma parte da população, foi desacatado e agredido, escapando milagrosamente a morte. Ao sair desta cidade deixou em construção a capela que atualmente serve de Matriz e, ameaçando missas, a igreja matriz colocada na praça da Matriz, agora Saldanha Marinho". Livro Tombo da Catedral de Santa Maria n. 3, 1889 a 1914, p. 85 a 87 verso.

⁴⁰ Sucedeu ao Cônego Marcellino, como vigário de Santa Maria, o Padre Achilles Parrella Catalano, vindo de Cruz Alta, que serviu até o ano de 1895. Durante a administração, segundo o relatório do padre Caetano, "não foi feita coisa alguma, a igreja não era freqüentada, não havia prática dos sacramentos, nem missa diária e, às vezes, nem aos domingos, chegando o mesmo Vigário a desaconselhar a recepção dos sacramentos da confissão e comunhão. Era pública a mancebia do Vigário que disto não fazia mistério. Na noite de Natal de 1894, quando todo o povo na igreja esperava pela Missa do Galo, o Vigário ia em busca da concubina que o tinha abandonado!!!" Livro Tombo da Catedral de Santa Maria n. 3, 1889 a 1914, p. 85 a 87 verso.

⁴¹ Atas da Câmara de Vereadores de Santa Maria – Anos de 1882 – 1886, p. 110. Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria-RS.

⁴² O relatório da junta foi reproduzido por BELÉM, João. *História do município de Santa Maria – 1797-1933*. Santa Maria: UFSM, 1989, 157-8.

⁴³ Fundo Câmara Municipal, Livro Documentos 1868 a 1889 – nº 1, p. 150. Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria-RS.

⁴⁴ Atas da Câmara de Vereadores de Santa Maria – Anos de 1882 – 1886, p. 149 verso. Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria-RS.

⁴⁵ Atas da Câmara de Vereadores de Santa Maria – Anos de 1888 – 1892, p. 50. Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria-RS.

⁴⁶ BELTRÃO, Romeu. *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho: 1787 – 1930*. Canoas: La Salle, 1979.

⁴⁷ BELÉM, Op. cit.

⁴⁸ DAUDT FILHO, Op. cit.

se intrincado caso. Nenhum deles enfatizou o combate ao catolicismo como causa da demolição, pelo contrário, eles destacaram o mau-estado da matriz, deixando-nos a sensação de que uma cidade como Santa Maria, envolta pela aura do progresso que a via-férrea estava trazendo, merecia uma igreja nova, ou em melhores condições.⁴⁹

Não devemos buscar uma causa única para um fato, mas sim múltiplas causas. Acreditamos que este episódio não deva ser analisado unicamente sob a ótica do combate entre Maçonaria e Igreja Católica. Precisamos levar em conta também que a igreja estava realmente em péssimo estado, e, segundo o relatório da junta designada para examiná-la, ameaçava os fiéis que ali se fizessem presente.⁵⁰

Não conseguimos visualizar, nesta demolição, um ataque ao catolicismo, ainda mais depois de descobrirmos que outra igreja estava sendo construída alguns metros abaixo.⁵¹ Antes mesmo de decidirem pela derrubada da matriz, a intendência municipal enviou um pedido ao presidente da província para que liberasse verbas para o reparo da referida igreja.⁵² Uma vez negado o pedido, não restou alternativas senão a demolição.

O pesquisador Vitor Biasoli afirma que ao autorizar a demolição da Matriz, a Câmara

dos Vereadores constrangeu a Igreja Católica, mas que isso não se configurou como uma posição anticlerical por parte dos vereadores, já que estes justificaram a sua atitude devido ao péssimo estado que aquela se encontrava.⁵³ Independente dos reais motivos deste fato, a interpretação dada pelas autoridades eclesiásticas foi que Santa Maria estava nas mãos dos inimigos, quais sejam, os maçons, liberais e protestantes.

Em outro episódio ocorrido em Santa Maria, no ano de 1883, o vigário Marcelino Bittencourt e seu auxiliar, padre Francisco Morano, foram atacados quando saíam da igreja matriz e se dirigiam para a casa paroquial. Eles foram cercados por três homens montados a cavalo e surrados com o cabo de um relho. Segundo o juiz da comarca, o padre Francisco sofreu ferimentos graves e o vigário Marcelino, ferimentos leves. Na crônica escrita no livro Tombo da paróquia, o padre palotino Caetano Pagliuca apresentou este fato como mais uma evidência da adversidade que os padres sofriam em Santa Maria naquela época.⁵⁴

Nas memórias de João Daudt Filho, este episódio ganha outra versão. Segundo este memorialista, o cônego Marcelino e seu ajudante foram agredidos “por vingança torpe da politicagem” a mando do caudilho local Martin Hoer, homem “habituaado a afrontar impunemente a sociedade”.⁵⁵ Em Romeu Beltrão, aparece esta mesma versão, a de que o cônego se envolvia demais nas questões políticas locais, estando sujeito, portanto, as conseqüências destas discussões.

As versões, do padre Caetano e dos memorialistas, são divergentes em alguns pontos, mas convergem para uma questão central e que deve ser levada em consideração: os padres, durante o sistema do padroado, envolviam-se muito em política, não se distinguindo socialmente das demais pessoas de sua comunidade. Inserindo-se

⁴⁹ Vários viajantes do século XIX, ao passarem por Santa Maria, deixaram o seu testemunho sobre a igreja matriz. Saint-Hilaire, em 1821, diz que “a capela é muito pequena [e] fica numa praça ainda em projeto”; Arsene Isabelle, em 1834, constata que em Santa Maria “há diversas ruas e uma capela muito simples”; Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, em 1856, foi o que deixou um relatório mais extenso sobre a matriz: “A igreja... é espaçosa; mas muito baixa, e de esteios. Contudo pode durar muitos anos, se lhe fizerem alguns reparos. Atualmente necessita de alguns reboques, a caiação em todo o exterior; dentro faltam-lhe um coro, pintura no teto da Capela-mor: (...). Ainda não tem torres, e está muito pobre de paramentos; os poucos, que possui, vieram-lhe dos Povos das Missões, e estão muito velhos. Alguns estão mesmo indecentes. Tem somente dois missais tão velhos, que é indecoroso pô-los sobre o altar. (...) Nossa Senhora da Conceição é a Padroeira”. Cfe. MARCHIORI; NOAL FILHO. *Op. cit.*, p. 26, 36 e 40.

⁵⁰ Ver Anexo I.

⁵¹ A Igreja do Divino estava sendo construída 100 metros abaixo da Matriz estando mais bem localizada e permitindo o alargamento da rua do Progresso, que se tornaria avenida. A inauguração aconteceu em 1888, e até 1909 a igreja do Divino serviu de matriz aos católicos da cidade.

⁵² Atas da Câmara de Vereadores de Santa Maria – Anos de 1882 – 1886, p. 63. Arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria-RS.

⁵³ BIASOLI. *Op. cit.*, 2004, p. 5.

⁵⁴ Livro Tombo da Catedral de Santa Maria n. 3, 1889 a 1914, p. 83; BIASOLI. *Op. cit.*, 2004, p. 4.

⁵⁵ DAUDT FILHO. *Op. cit.*, p. 81.

tanto no cotidiano destas sociedades, tomando parte de festas, de comícios e sendo membros ativos de partidos políticos (o padre Marcelino era do Partido Conservador), deixavam os sacerdotes expostos a regras políticas e sociais que igualavam a todos.

Um outro episódio ainda merece constatar neste artigo, e que foi muito destacado no relatório do padre Caetano Pagliuca, pois envolveu o próprio bispo D. Cláudio Ponce de Leão. Em janeiro de 1895, em visita a cidade de Santa Maria, o bispo D. Cláudio fora ameaçado de morte. Esta ameaça foi consequência de uma atitude do bispo em reprimir publicamente o padre Achilles Catalano, o então vigário de Santa Maria. As reprimendas vindas do bispo eram devidas a certas irregularidades cometidas pelo padre. Parte da população santa-mariense não gostou da atitude do bispo, e partiu em defesa do vigário. D. Cláudio teve que sair às pressas da cidade, pois sofreu sérias ameaças. Em agosto, apesar dos protestos de alguns paroquianos, o vigário Achilles Catalano foi substituído pelo padre Carlos Becker. Poucos meses depois, em novembro, padre Becker foi intimado a sair da cidade num prazo de três dias. Na ocasião, ele recebeu um documento assinado por mais de 80 pessoas.

Para o memorialista Romeu Beltrão, a “inabilidade e intolerância [do padre Becker] criaram um clima de hostilidade à sua pessoa e ao clero em geral. Violentas polêmicas pró e contra” travaram-se na imprensa.⁵⁶ Devido a essa expulsão do padre Becker, o bispo D. Cláudio interditou a paróquia de N. S. da Conceição, “interdição essa que durou quase quatro meses, de 17.11.1895 a 03.03.1896”.⁵⁷

Realmente, não devemos ignorar o clima anticlerical que existia em Santa Maria no final do século XIX. Segundo o relatório do padre palotino Caetano Pagliuca, “a religião enfrentava inimigos poderosos na cidade (...) Por um concurso de circunstâncias fatais, os interesses religiosos desta po-

pulação estiveram por muito tempo sumariamente comprometidos, e pondo em risco iminente o precioso legado da Fé”.⁵⁸ Na seqüência deste mesmo relatório, vemos a quem o padre acusava de liderar este complê contra a Igreja Católica: os maçons. Esta conspiração a que tanto se referiu o vigário Pagliuca, parece ter sido um exagero daqueles tempos, no entanto, ela não pode ser desconsiderada, pois não há como encobrir a forte campanha contra a Igreja Católica romanizada iniciada no final do século XIX no Rio Grande do Sul. Se os maçons foram os principais acusados, foi porque eles se apresentavam como uma instituição organizada, defendendo abertamente o seu projeto de sociedade, usando-se de sua imprensa para difundir o seu ideário.

Os palotinos na região de Santa Maria

Chegados ao Vale Vêneto em 1886,⁵⁹ os padres palotinos atenderam aos pedidos dos imigrantes italianos que viviam naquela pequena comunidade. Sintonizados com o projeto romanizador da Igreja Católica, a Pia Sociedade das Missões (os Palotinos) tornou-se forte aliada do bispo rio-grandense na recatolicização da sociedade e, rapidamente, foram sendo concedidas novas paróquias para os palotinos nas redondezas de Santa Maria.

Devido aos desafios enfrentados pela Igreja em Santa Maria, o bispo autorizou a congregação dos padres palotinos a gover-

⁵⁸ Livro Tombo da Catedral de Santa Maria n. 3, 1889 a 1914, p. 82; BIASOLI. *Op. cit.*, 2004, p. 1.

⁵⁹ Para mais informações a respeito da instalação dos padres palotinos em Vale Vêneto, ver BONFADA, Genésio. *Os Palotinos no Rio Grande do Sul, 1886 a 1919: Fim da Província Americana*. Porto Alegre: Rainha, 1991; para ver as relações que se estabeleceram entre os palotinos e os imigrantes italianos na Quarta Colônia, ver VENDRAME, Maíra Ines. *Harmoniosas ou conflituosas? As relações entre padres palotinos e imigrantes italianos na quarta colônia imperial*. Monografia de graduação. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2004; sobre o projeto de restauração católica na ex-colônia Silveira Martins, ver MARIN, Jérry Roberto. “Ora et Labora”: O projeto de Restauração Católica na ex-Colônia Silveira Martins. Porto Alegre: UFRGS, 1993. (Dissertação de Mestrado em História); para ver o papel dos palotinos na Quarta Colônia e Santa Maria, ver BIASOLI. *Op. cit.*, 2003 e VESCOIO. *Op. cit.*, 2001.

⁵⁶ BELTRÃO. *Op. cit.*, p. 396.

⁵⁷ BIASOLI. *Op. cit.*, 2004, p. 4.

nar a paróquia da cidade e, em março de 1896, o padre Pedro Wimmer assume este compromisso. Até dezembro de 1900, quando Caetano Pagliuca tornou-se o vigário da cidade, padre Wimmer sofreu sérias resistências por parte de grupos contrários a suas idéias. Esta hostilidade quase o fez abandonar o comando da paróquia, escreveu o padre Caetano no relatório de 1907. Um outro documento nos trouxe mais esclarecimentos a respeito do período que padre Wimmer permaneceu à frente da paróquia de Santa Maria. A 26 de julho de 1900, o bispo D. Cláudio Ponce de Leão respondeu a uma carta anteriormente enviada por Wimmer. Na carta, o bispo deixa claro o seu descontentamento quanto aos rumos que estava tomando a paróquia de Santa Maria.

Entreguei essa freguesia a V. Revma. com o desejo de favorecer a Pia Sociedade das Missões dando uma freguesia rendosa, reunindo todos os Revdos. Padres Pallottinos em redor de Santa Maria o que conclui nomeando o Revdo. Padre Mathias Vigário de Silveira Martins. Parece que meu plano não foi aprovado por Deus, porque, excetuando por ora Silveira Martins, por toda a parte reina grande descontentamento. V. Revma. sabe que tenho dado todo apoio aos Revdos. Padres Pallottinos, por isso nada tem adiantado.⁶⁰

Alguns avanços foram obtidos pelo padre Wimmer, no entanto, este reclamou ao bispo das perseguições que ainda vinha sofrendo por parte da sociedade santamariense. A resposta de D. Cláudio não tardou a chegar:

que essas perseguições eram causadas por motivo pessoal, ou para significar o desagrado desse povo para com V. Revma. e neste caso seria melhor V. Revma. pedir sua exoneração do Car-

go de Vigário de Santa Maria antes que esses seus inimigos realizem seu projeto relativo à Igreja Matriz ou farão ainda pior e tivéssemos nós nesta diocese um formidável escândalo de passar-se uma freguesia ou sua parte principal para o protestantismo ou para o cisma.⁶¹

Ainda precisamos fazer uma melhor análise neste novo documento, mas já identificamos uma preocupação, tanto do padre Wimmer quanto do bispo, quanto à questão de perder freguesias para o protestantismo ou para o cisma.

O padre Caetano Pagliuca afirmou que no “último ano do paroquiato [do padre Wimmer] Deus permitiu que viesse se instalar a esta cidade um ministro evangélico americano que, seguido no ano seguinte [1901], por um metodista e um luterano, que há anos aqui estava, formam o centro da propaganda protestante”. Ainda segundo padre Caetano, esses pastores foram auxiliados pela maçonaria, e o pastor evangélico americano “tomou conta (...) das capelas católicas da estação Colônia [atual Camobi] e do Rosário dessa cidade”.⁶²

A visão “dos que estão de fora”

Os evangélicos americanos, o qual se referiu padre Caetano e o bispo, foram missionários anglicanos vindos do estado da Virgínia, sul dos Estados Unidos. Como mencionado no início deste artigo, chegaram em 1890, e escolheram o Rio Grande do Sul por ser esta a província mais carente em termos de religião, o que tornaria o seu trabalho mais fácil, pensavam os anglicanos. Em Santa Maria, vieram no final de 1899 e, com permissão das autoridades municipais, realizaram a sua primeira cerimônia religiosa no dia 11 de fevereiro de 1900.⁶³

⁶⁰ Idem.

⁶² Livro Tombo da Catedral de Santa Maria n. 3, 1889 a 1914, p. 86.

⁶³ KICKHÖFEL, Oswaldo. *Catedral do Mediador: Igreja Episcopal do Brasil 100 anos*. Santa Maria: Editora Pallotti, 2000, p. 18-19.

⁶⁰ Esta carta foi copiada do Arquivo Geral de Roma pelo padre Claudino Magro, sem data da transcrição. Caixa 4, Arquivo Provincial dos Palotinos, Missão Brasileira, Santa Maria.

Uma vez instalados na cidade, os anglicanos passaram a trabalhar no sentido de levar a Bíblia ao conhecimento das pessoas, pois como afirmou o pastor Morris, “o povo de Santa Maria ou é indiferente à religião ou radicalmente contra o romanismo. (...) O povo é ignorante em matéria de religião e a Bíblia é desconhecida, mesmo entre os mais letrados. (...) No interior o romanismo está muito desacreditado. Agora é o tempo de entrarmos nesse campo com vigor”.⁶⁴

O ano de 1900 foi um período em que o vigário de Santa Maria, Pedro Wimmer, enfrentava algumas resistências na cidade, conforme podemos perceber na correspondência com o bispo D. Cláudio. Foi neste mesmo ano que os pastores anglicanos passaram a pregar no município, fazendo contatos, visitando vilas e comunidades do interior. No dia 2 de julho de 1900, o Reverendo Morris foi convidado pela Irmandade do Rosário a fazer o serviço fúnebre de uma irmã da mesma associação, falecida no dia anterior.⁶⁵ No mês de agosto, o então presidente da Irmandade, o comerciante João Appel Primo,⁶⁶ faz convite ao Rev. Morris para que este rezasse missas na igreja da Irmandade, já que estavam sem padres para realizar as celebrações. Cedendo aos pedidos da Irmandade e do próprio presidente, o Rev Morris aceita celebrar missas, ou melhor, “ensaiar hinos e cânticos evangélicos nos domingos de tarde”.⁶⁷

Este auxílio que a Igreja Anglicana deu a Irmandade do Rosário, pelos registros documentais encontrados, durou até pelo menos janeiro de 1901, pois neste mês o Rev. Morris aceitou novo convite para fazer parte de uma pequena procissão, organiza-

da pelos membros da Irmandade, pelas ruas de Santa Maria, com direito a banda de música, recitativos bíblicos e religiosos e breves discursos.⁶⁸

Não sabemos exatamente quando se encerraram os contatos entre os membros da Irmandade do Rosário e o Rev. Morris. Sabemos que foi durante a sua permanência em Santa Maria (1899 - 1902) que o ecumenismo terminou, mas as circunstâncias disso nos são desconhecidas. A única pista que temos está presente nas palavras do Rev. Marçal Lopes de Oliveira, que diz:

Sabemos apenas que numa bela noite, quando Morris proferia seu costumeiro sermão, um membro da irmandade, pedindo licença, dirigiu algumas palavras bem claras e definitivas ao pregador: “Não desejamos mais sua presença aqui. Somos católicos e só aceitamos a presença de um padre para dirigir os cultos.” Morris gentilmente pediu desculpas, reconhecendo o direito deles, mas não sem antes responder que estava ali a convite do presidente e com a finalidade de servir. Deu boa-noite e saiu. E nunca mais voltou àquela capela.⁶⁹

Vale lembrar que foi no dia 25 de dezembro de 1900 que assumiu a paróquia de Santa Maria o padre Caetano Pagliuca. Se durante o referido ano a Irmandade do Rosário não manteve bons relacionamentos com o padre Wimmer, inclusive convidando um pastor de outra religião para celebrar missas em sua igreja, com a chegada do padre Caetano esta situação não poderia permanecer. A sua preocupação, compartilhada pelo bispo, a respeito do escândalo que seria se os palotinos não conseguissem reaver as capelas do Rosário e da estação Colônia, era muito grande.

⁶⁴ KICKHÖFEL. *Op. cit.*, p. 26.

⁶⁵ *Jornal Estandarte Cristão*, 30 de julho de 1900, n° 14, p. 7. Arquivo Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Porto Alegre.

⁶⁶ O comerciante de descendência germânica, João Appel Primo, havia se convertido à Igreja Anglicana ainda no início de 1900. Fazia parte da junta administrativa da Igreja, sendo uma das pessoas que mais trabalhou para que o anglicanismo se expandisse, tanto em Santa Maria como no estado.

⁶⁷ *Jornal Estandarte Cristão*, 15 de agosto de 1900, n° 15 p. 6. Arquivo Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Porto Alegre.

⁶⁸ *Jornal Estandarte Cristão*, 15 de janeiro de 1901, n° 25, p. 7. Arquivo Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Porto Alegre.

⁶⁹ *Jornal Estandarte Cristão*, julho de 1986, p. 5. Arquivo Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Porto Alegre. Também em KICKHÖFEL. *Op. cit.*, 2000, p. 44-6.

Este fato, envolvendo os anglicanos, a irmandade e os católicos, foi confundido com um que aconteceria quase 15 anos depois. Em 1914, o padre Caetano se apoderou das chaves da igreja do Rosário, causando a revolta de seus membros. A irmandade moveu uma ação judicial contra o vigário, ganhando a causa de início, mas numa 3ª sentença, em 24 de abril de 1915, o juiz da comarca Alberto Rodrigues Fernandes Chaves decidiu que a igreja do Rosário de Santa Maria ficaria sob controle do bispo diocesano D. Miguel de Lima Valverde.⁷⁰

Este segundo caso envolvendo a Irmandade e o padre Caetano foi estudado pelo pesquisador Enio Grígio, que já havia percebido que os dois eventos, o de 1900 e o de 1914-15, não possuíam ligação. Enio Grígio, inclusive, conseguiu apontar erros históricos em alguns livros e jornais escritos décadas depois. O padre Genésio Bonfada, ao escrever a história dos padres palotinos no Rio Grande do Sul, assim afirmou:

Antes da chegada do Palotinos, os protestantes se haviam adonado de duas capelas católicas (...). A primeira foi recuperada com relativa facilidade, mas a segunda custou um processo judicial, na qual a Cúria diocesana foi derrotada por duas vezes. Só na terceira instância conseguiu o Pe. Caetano o reconhecimento da Mitra sobre a capela.⁷¹

Não foi só o padre Genésio que cometeu um equívoco histórico, mas também os responsáveis pelo livreto comemorativo dos 25 anos da paróquia do Rosário que confirmaram esta história. Um ano depois, como atestou Enio Grígio, “na edição comemorativa aos 75 anos da criação da Diocese de Santa Maria, o jornal ‘O Santuário’, fez uma descrição da história da diocese e de suas paróquias, entre elas a Paróquia de Nossa

Senhora do Rosário”,⁷² e novamente fez a ligação dos episódios, o de 1900 e 1914-15.

O que mais chama a atenção foi a tentativa por parte dos católicos em destacar a “invasão” realizada por outras religiões em seu território. Afirmaram que os protestantes, apoiados pelas autoridades municipais e liderados pelos maçons,⁷³ tentaram destruir o catolicismo na cidade, e foi só com a obstinação do padre Caetano Pagliuca que conseguiram reaver o terreno antes perdido.

Podemos fazer uma ligação entre os eventos de 1900 e de 1914-15, se tivermos claros os objetivos dos padres palotinos quando vieram para a região de Santa Maria, quais sejam: “reorganizar a situação da Igreja por meio do controle das irmandades, da organização dos fiéis, da reestruturação das devoções, assim como da construção de uma nova igreja matriz”.⁷⁴

Mesmo não tendo comprovações documentais, podemos imaginar que houve um trabalho por parte do vigário Caetano Pagliuca para expulsar o Rev. Morris da igreja do Rosário. Como afirmou o bispo D. Cláudio, seria um “escândalo se houvesse freguesias sob controle de protestantes”. Por outro lado, a Irmandade do Rosário continuou tentando manter sua autonomia frente às investidas dos padres palotinos em Santa Maria. Esta autonomia era inconcebível para os ultramontanos padre Caetano e bispo santa-mariense D. Miguel de Lima Valverde. Portanto, tanto em 1901 quanto em 1914-15, tivemos dois casos diferentes, mas ligados pelo ideário ultramontano que buscava reconquistar os espaços perdidos para, com isso, aumentar o poder da Igreja Católica no Rio Grande do Sul.

Outras frentes de batalha foram abertas pelos padres palotinos em Santa Maria,

⁷² GRÍGIO. *Op. cit.*, p. 43-4.

⁷³ Não descartamos a presença e influência de maçons dentro da Irmandade, pois dois de seus principais membros em 1914, os cidadãos Antônio e Adão Gabriel Haefner, pertenciam aos quadros da maçonaria. Estes dois foram acusados de serem os responsáveis de causar todas as desavenças entre a Irmandade e as autoridades católicas de Santa Maria. PROCESSO Judicial movido pela Irmandade do Rosário. Santa Maria, 1915.

⁷⁴ BIASOLI. *Op. cit.*, 2004, p. 1.

⁷⁰ A diocese de Santa Maria foi criada em 1910 e seu primeiro bispo foi D. Miguel de Lima Valverde, tendo assumido o cargo somente em janeiro de 1912. Cf. BELTRÃO. *Op. cit.*, p. 132; GRÍGIO. *Op. cit.*, p. 46-7.

⁷¹ BONFADA. *Op. cit.*, p. 110; GRÍGIO. *Op. cit.*, p. 45.

pois os anglicanos estavam ganhando espaço na sociedade local. Tanto o Rev. Morris, quanto seus companheiros, deixaram registrados os ataques que sofriam durante o início de suas pregações pelo estado.⁷⁵ O que pode simbolizar este embate entre os católicos e os anglicanos foi a edificação de suas respectivas igrejas. Localizadas na atual Av. Rio Branco, uma de frente para a outra, ambas tiveram o início de suas construções no ano de 1903. Pelos relatos de um redator do jornal anglicano temos uma versão desta concorrência para ver quem terminava antes a sua igreja:

já fazia quase seis anos que a igreja estava em Santa Maria, pregando o “puro evangelho” como gostavam de dizer, suportando as falsas acusações de fanáticos adeptos da Igreja de Roma, que com mão de ferro tentava construir, no ponto mais alto da cidade, um grande templo que superasse em tamanho e beleza “a igreja” dos protestantes. Apesar do concurso de abastados senhores da cidade e da própria população, o altivo templo romano (o antigo tinha sido demolido em 1888), não ficara pronto, “enquanto o dos episcopais, posto que menor, já estava erguido, majestoso, no seu estilo normando, bem na frente do gigante apático, sonolento, apontando para os céus os tocos ainda despídos, num gesto de desânimo e impotência”.⁷⁶

A Capela do Mediador, dos anglicanos, teve a sua inauguração em 1906. Já o novo templo católico viria a ser inaugurado so-

mente três anos depois, em 1909. Embora mais tarde, a nova igreja matriz dos católicos simbolizou o início da vitória do processo de restauração católica na cidade. O padre Caetano conseguiu mobilizar as pessoas do município de Santa Maria para auxiliar na edificação da nova matriz, inclusive alguns adeptos da maçonaria.⁷⁷ Do lado dos anglicanos, grande parte do dinheiro para erguer seu templo vinha da Igreja Anglicana dos Estados Unidos, de particulares também daquele país, de empréstimos de cidadãos de Santa Maria, de pequenas doações dos fiéis e dos resultados das vendas de bordados e pinturas de tecidos feitas pelas senhoras adeptas do anglicanismo em Santa Maria.⁷⁸

Conclusão

Mesmo que atualmente Santa Maria seja considerada uma cidade essencialmente católica, as outras religiões tiveram e têm muitos adeptos. Este processo de restauração católica no município, e em outras regiões do estado, foi acompanhado por um movimento de instalação e expansão de outras igrejas, como a anglicana, metodista, luterana e espiritista. Todas elas cresceram fazendo parte da sociedade, ou seja, tiveram que adentrar o tecido social dos municípios, viver os seus problemas, as suas rivalidades, fazer alianças, atacar e revidar ataques.

Para fazer prevalecer o seu ideário, seja ele romanizador, ou liberal, as igrejas contaram com o apoio de grupos que já se enfrentavam politicamente nas cidades. Por exemplo, os luteranos constantemente emprestavam o seu templo para cerimônias anglicanas ou metodistas, e sabemos que os luteranos buscavam, ao lado dos maçons, a liberdade religiosa para o Brasil, portanto, rivalizavam com a Igreja Católica. Este em-

⁷⁵ No livro sobre os 100 anos da Catedral do Mediador em Santa Maria, o Rev. KICKHÖFEL, *Op. cit.*, 2000, recupera inúmeros discursos proferidos pelos primeiros anglicanos acerca das perseguições que sofriam por parte dos católicos. Um dos reverendos que mais revidaram os ataques de católicos foi Carl Henry Clement Sergel (1873 – 1963), que foi o 3º pároco de Santa Maria. Suas farpas de escritor amador causavam muita polêmica, e eram geralmente voltadas contra certos ritos romanos, como a missa, que era dita em latim e que ninguém entendia, contra a adoração dos santos e a veneração de imagens.

⁷⁶ *Jornal Estandarte Cristão*, 15 de novembro de 1906, p. 1 Arquivo Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Porto Alegre; KICKHÖFEL, *Op. cit.*, 2000, p. 77.

⁷⁷ Todo o telhado da nova matriz foi doado pelo maçom e major Pedro Weinman. Livro Tombo da Catedral de Santa Maria n. 3, 1889 a 1914. Este fato pode comprovar que a Maçonaria não era toda anti clerical, e que muitos de seus membros aderiram ao catolicismo romanizado em Santa Maria.

⁷⁸ Livro de Atas nº 1 – 1901 – 1907. Arquivo da Igreja Episcopal Anglicana - Diocese de Santa Maria.

bate político-cultural-religioso envolvia o antagonismo entre os pensamentos liberal-cientificista e católico-conservador.⁷⁹

Mesmo que ainda não tenhamos construído os possíveis contextos para se estudar este conflito entre culturas, sabemos das possibilidades que isto pode resultar. De saída, o que nos interessa é ver o âmbito do político, que situa-se “no universo das ações e decisões realizadas no espaço da *polis*”. Queremos destacar o processo de tomada de decisões, no qual os fatos históricos “não acontecem isoladamente: há uma historicidade que é sempre compartilhada”.⁸⁰

Embora saibamos que os maçons auxiliaram as igrejas protestantes em sua instalação no município de Santa Maria, também devemos destacar que as igrejas não contaram somente com este apoio para se expandir. Pessoas não vinculadas à Maçonaria prestaram grandes serviços aos anglicanos, por exemplo. Queremos dizer com isso, que os protestantes possuíam a sua autonomia para crescer como religião, imbuídos de um ideário próprio que muitas vezes era desconhecido da própria Maçonaria brasileira. O ponto que os uniu, protestantes e maçons, foi a luta por mudanças que dessem uma outra feição à sociedade brasileira, mais racional, laica e com liberdade religiosa. Já que a rival maior era a Igreja Católica, uniram-se para enfraquecê-la e alcançarem os seus objetivos.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

AZZI, Riolando. **O episcopado brasileiro frente ao catolicismo popular**. Petrópolis: Vozes, 1977.

⁷⁹ COLUSSI, Eliane. “Maçonaria: um enfoque de história política”. In: **História Unisinos**. São Leopoldo: Unisinos, 2001. p. 93-4.

⁸⁰ FÉLIX, Loiva Otero. “História política renovada”. In: **História Unisinos**. São Leopoldo: Unisinos, 2001. p. 107.

BELÉM, João. **História do município de Santa Maria – 1797-1933**. Santa Maria: UFSM, 1989.

BELTRÃO, Romeu. **Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho: 1787 – 1930**. Canoas: La Salle, 1979.

BIASOLI, Vitor Otávio Fernandes. **Catolicismo e imigração na Quarta Colônia – Rio Grande do Sul (1878 – 1937)**. V Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, 2003.

_____. **Os padres palotinos na paróquia de Santa Maria**. Comunicação apresentada – X Jornada de Ensino de História e Educação. Santa Maria, UNIFRA, junho de 2004.

BONFADA, Genésio. **Os Palotinos no Rio Grande do Sul, 1886 a 1919: Fim da Província Americana**. Porto Alegre: Rainha, 1991.

COLUSSI, Eliane Lúcia. **A maçonaria gaúcha no século XIX**. Passo Fundo: UPF, 1998.

_____. “Maçonaria: um enfoque de história política”. In: **História Unisinos**. São Leopoldo: Unisinos, 2001. p. 93-101. (Número especial: V Encontro Estadual de História)

DAUDT FILHO, João. **Memórias**. Pedro Brum Santos (org.). 4 ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2003.

FÉLIX, Loiva Otero. “História política renovada”. In: **História Unisinos**. São Leopoldo: Unisinos, 2001. p. 103-116. (Número especial: V Encontro Estadual de História)

GRIGIO, Ênio. **A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Maria/RS – (1873-1915): Uma trajetória de conflitos**. Monografia de Especialização. Santa Maria: UFSM, 2003.

ISAIA, Artur César. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

- KARSBURG, Alexandre; VENDRAME, Maíra I. **O imigrante no banco dos réus: crimes e contravenções no início da imigração italiana na Quarta Colônia do Rio Grande do Sul.** V Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, 2003.
- KARSBURG, Alexandre de Oliveira; VENDRAME, Maíra Ines; VÉSCIO, Luis Eugênio; BIASOLI, Vitor Otávio. **Culturas em conflito : a disputa entre protestantes e católicos em Santa Maria (1899 – 1920).** In: Simpósio Internacional Fronteiras da América Latina, 2004. Santa Maria.
- KICKHÖFEL, Oswaldo. **Notas para uma história da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.** Porto Alegre: Secretaria Geral da IEAB, 1995. (Projeto Memória)
- _____. **Catedral do Mediador: Igreja Episcopal do Brasil 100 anos.** Santa Maria: Editora Pallotti, 2000. (Projeto Memória)
- MARCHIORI, José Newton Cardoso; NOAL FILHO, Valter Antônio (orgs.). **Santa Maria: relatos e impressões de viagem.** Santa Maria: UFSM, 1997.
- MARIN, Jérri Roberto. **“Ora et Labora”: O projeto de Restauração Católica na ex-Colônia Silveira Martins.** Porto Alegre: UFRGS, 1993. (Dissertação de Mestrado em História)
- PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. **Alemães e italianos no Rio Grande do Sul: fricções inter-étnicas e ideológicas no século XIX.** In: DE BONI, Luis Alberto (org.). **Presença italiana no Brasil.** Vol. II. Porto Alegre; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 577 – 593.
- PIPPI, Elisângela Stefanello. **A educação sem a cruz: a resistência maçônica e a reorganização católica no Rio Grande do Sul.** Monografia de especialização UFSM, 2003.
- REYLI, Duncan A. **História Documental do protestantismo no Brasil.** São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), 1984.
- SCHMIDT, Guilherme César Temp. **Ação da Maçonaria na difusão do espiritismo, protestantismo e luteranismo.** In: 7º Simpósio de Ensino Pesquisa e Extensão, 2003. Santa Maria. Anais do 7º Simpósio de Ensino Pesquisa e Extensão: 2003.
- VENDRAME, Maíra Ines. **Harmoniosas ou conflituosas? As relações entre padres palotinos e imigrantes italianos na quarta colônia imperial.** Monografia de graduação. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2004.
- VÉSCIO, Luis Eugênio. **O Crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893 - 1928).** Santa Maria: UFSM, 2001.
- VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a “questão religiosa” no Brasil.** 2ª ed. Brasília: UNB, 1981.
- WERNET, Augustin. **A Igreja paulista no século XIX.** São Paulo: Ática, 1987.